

UMA LIÇÃO DE ECONOMIA

ENEIDA MARIA DE SOUZA*

RESUMO

Neste artigo pretende-se estudar o discurso proverbial de Macunaíma nos seus aspectos retóricos e persuasivos e a utilização da frase curta como uma das formas de referendar / desconstruir o imaginário linguístico e popular.

Examinaremos o discurso proverbial de Macunaíma, o *herói sem nenhum caráter* de Mário de Andrade¹, que se caracteriza tanto pelo seu efeito persuasivo quanto pela economia de expressão. O manuseio lúdico dos signos pela personagem revela o teor mimético e inconseqüente de sua linguagem que se expressa através do emprego constante de mecanismos retóricos, calculados em argumentos falaciosos.

Os procedimentos relativos à *máquina* retórica e persuasiva que comanda a fala de Macunaíma se atualizam tanto na sua forma eloqüente, utilizada, na maioria das vezes, como estratégia discursiva (confronte a Carta pras Icamíabas), quanto na sua forma concisa, pelo emprego abusivo de frases de efeito. O herói, transitando nos dois espaços linguísticos e culturais — a floresta amazônica e a cidade de São Paulo — se apropria dos hábitos e linguagem dos *civilizados*, manipulando, com maestria e sagacidade, o jogo dos signos que sustenta seu discurso.

A identificação ou reconhecimento de um provérbio não constitui tarefa difícil para aqueles que se dedicam especificamente ao seu estudo. Por outro lado, a explicação de seu procedimento construtivo, como da função que a fórmula proverbial exerce ao passar para outro registro de linguagem, coloca delicados problemas de formalização. Se nos limitarmos a

*Professora de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG. Doutora em Literatura Francesa e Comparada pela Universidade de Paris VII.

definir o provérbio como *forma simples* (segundo a classificação de André Jolles) ou a caracterizá-lo como pertencente ao domínio da tradição oral, contaminado pelos diferentes sentidos dos quais é portador (resignação, aceitação serena do destino), falta-nos ainda um instrumental teórico para melhor sistematizá-lo. Associado, freqüentemente, às crenças supersticiosas ou à expressão de falantes de nível social inferior, o provérbio é reduzido a explicações que apenas informam sobre a determinação de suas fontes.

Há uma via aberta pela semiótica que nos parece fornecer subsídios adequados ao nosso estudo: trata-se do aparato teórico referente à prática intertextual — o provérbio como elemento de ligação que reúne o texto ao extra-texto e ao intertexto. Dentre os inúmeros trabalhos que enfocam a matéria, escolhemos o de Paul Zumthor², em que a formulação dos mecanismos de construção proverbiais responde às nossas questões.

O ensaísta considera o provérbio como *micro-discurso narrativo*, comportando actantes, funções e transformações e se integrando ao discurso como uma estrutura vazia a ser preenchida conforme o contexto no qual se insere. Por processar o intercâmbio texto/contexto e os elementos internos do discurso, ocupando ainda um lugar estratégico no enunciado, o provérbio é analisado enquanto elemento participante do jogo intertextual e não apenas em seu aspecto isolado. Reproduzimos três formulações de Zumthor relativas à funcionalidade textual dos provérbios.

1. *O provérbio atua como elemento de ligação entre o texto e o extra-texto:*

"Texto e extra-texto, o provérbio implica uma instituição social, à qual por sua vez implica uma situação de enunciação convencionalmente definida: a função pragmática do provérbio. Funciona como conector ("embrayeur") referindo-se expressamente ao texto e ao intertexto, integrando de modo manifesto um e outro."⁴

2. *O provérbio ocupa, no enunciado, um lugar estratégico:*

O Eixo e a Roda, Belo Horizonte, (4): p. 42 - 58, 1985.

"O provérbio sempre marca, no desenvolvimento textual, num lugar estratégico: inserido na cadeia linear, ele não a rompe, pois possui em co mum com os elementos que o precedem e o seguem, uma estrutura de frase; mas ele estanca o dis curso, fixa-o e, por um jogo de espelho que ai se instaura, o remete circulamente para si próprio."⁵

3. O provérbio mantém com o texto que o cita uma relação de confirmação ou zombaria:

"O provérbio citado constitui, com o texto que o cita, uma oposição cujo dinamismo comporta duas saídas possíveis: confirmação ou zombaria. A confirmação, por sua vez, pode ser de duas modalidades: ou bem o provérbio confirma o conteúdo dado como idêntico em virtude de uma relação comparativa ou metonímica (confirmação pelo mesmo), ou bem ele o confirma transpondo-o em outro registro de representação, em virtude de uma relação metafórica (confirmação pelo análogo). A zombaria consiste ao contrário em inverter, com a ajuda do provérbio, o conteúdo posto, de modo que um registro segundo emerge do primeiro, deslocando-o, degradando-o e sugerindo a necessidade de desconstruir os papéis narrativos (relação de ironia)."⁶

Transportando essas formulações para a obra em estudo, verifica-se que a inserção do provérbio no enunciado tende, aparentemente, a confirmar o sentido do texto citado, realizando uma espécie de registro das fórmulas existentes no imaginário popular, sem desconstruí-las. Contudo, no momento em que são empregadas essas fórmulas, visando ao endosso de um tipo de discurso estereotipado, exercem uma função desconstrutiva e irônica.

No nível do discurso, os provérbios desempenham o papel de ajudantes mágicos (se utilizarmos uma expressão cunhada pela análise formalista da narrativa e transportando-a para o nível discursivo), por constituírem verdadeiras bengalas lingüísticas que permitem, ao emissor da frase, safar-se de situações embaraçosas. O emprego de frases-feitas, lembradas de cor, atua como reforço no discurso das personagens e substitui, no nível da linguagem, os ajudantes mágicos que cumprem, no nível da estrutura narrativa, o mesmo papel.

Em síntese, o provérbio se apresenta, em *Macunaíma*, sob diferentes aspectos, considerando-se que a apropriação, feita pelo autor, de fórmulas do populário, ultrapassa o âmbito de mero registro e se impõe como reconstrução lúdica e irônica dos efeitos de linguagem. A releitura das formas discursivas estereotipadas tem como objetivo revelar a preferência de Macunaíma pelo emprego da frase curta, prática retórica responsável pela produção de efeitos persuasivos.

Vox populi, vox dei

A aliança entre os provérbios e as crenças populares se inscreve, desde o início do livro, pela voz da superstição, principalmente no que se refere à predição do destino de Macunaíma. A predição se faz através de vários tipos de mecanismos, correspondendo à atualização de um preceito supersticioso ou ao pronunciamento de falas que prevêm o destino.

No primeiro caso, a atualização da sentença beber água de chocalho corresponde a um batismo de linguagem de Macunaíma. Segundo a crença, quando as crianças demoram a falar, dão-lhes água para beber em chocalhos, na esperança de que tal prática desembarace a língua da criança.⁷ O batismo linguístico do herói possibilita o acesso ao universo da linguagem que marcará uma das facetas de seu caráter, ou seja, a capacidade de falar pelos cotovelos. Macunaíma é iniciado nas artes da fala pela força supersticiosa da boca popular, configurando o perfil de um herói com seu destino linguístico já traçado. "Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e Macunaíma principiou falando como todos". (p. 7)

Por outro lado, a continuação do ritual iniciático da personagem conta com a presença dos mestres de cerimônia, as velhas da tribo, que sentenciam outra marca do caráter de Macunaíma, a sexualidade excessiva: "espinho que pinica, de pequeno já traz ponta." (p. 7) A profecia das velhas se concretiza no desenvolver das ações iniciáticas do herói, sendo ajudada pela propriedade mágica da natureza, responsável pela transformação do menino preto e feio em princípio belo e fogo, um prolongamento também mágico dos contos da carochinha.

A primeira experiência sexual de Macunaíma (seu encontro com Sofará) se realiza graças aos atributos das plantas (tiriricas, tacajãs), propiciadoras do encantamento e metamorfose do herói. A tiririca, planta da Amazônia, se caracteriza por seus galhos com folhas e ramos cortantes, verificando-se assim a conjugação desse sentido e do provérbio, o espinho como símbolo sexual, com os atributos de Macunaíma. A sentença proverbial preenche uma dupla função, qual seja a de predizer os futuros passos do herói e a de ser colocada em movimento textual, atualizando-se no enunciado e reiterando uma ação de natureza igualmente mágica.

O provérbio dito pelas velhas da tribo alia-se ao discurso do Rei Nagô que, por ocasião do rito da Pajelança, publica que o herói era inteligente. Nota-se que o perfil de Macunaíma vai sendo, aos poucos, esboçado, na medida em que a inteligência corresponde ao caráter astucioso do herói, um de seus traços característicos, por descender da raça inteligente do jaboti.

Inúmeros provérbios e frases-feitas são preferidos por Maanape e Macunaíma, tirados do repertório popular e funcionando como endosso da crença supersticiosa. A metamorfose de Macunaíma em moço branco, louro e de olhos azuis, pela ação da água encantada, o coloca em situação privilegiada frente aos seus irmãos (note-se, mais uma vez, que as propriedades mágicas da água beneficiam Macunaíma: antes, o batismo linguístico, agora, o batismo cultural do pezão de Sumé).

Com o intuito de consolar os irmãos, Macunaíma se vale de dois ditados, frutos da ideologia religiosa e em perfeita concordância com a situação de milagre causada pela presença do buraco na lapa, a marca do pezão de Sumé, da época em que andava pregando o evangelho pra indiada brasileira:

"— Olhe mano Jiguê, branco você não ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem na riz."

"— Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas." (p. 34)

O emprego astucioso de sentenças proverbiais impele Macunaíma a induzir os irmãos a aceitar a sorte, uma vez ter sido ele o único beneficiado com o *milagre*. Ao reproduzir a ideologia religiosa no uso dos provérbios, cria-se a ponte entre o texto e o contexto, na medida em que as sentenças assumem o estatuto de instrumentos intertextuais, conforme a situação nas quais se encontram.

Interessante verificar que, nessa passagem, a apropriação de Mário da lenda das três raças brasileiras se desvincula de um propósito meramente ilustrativo. Macunaíma, travestido em branco, Maanape, continuando preto e Jiguê, ficando vermelho como o bronze, irão representar as três raças. A intenção de Mário é a de parodiar a cena da colonização (e da catequese), cujo objetivo era o de inculcar no índio a religião e os costumes do branco, na tentativa de tornar o índio branco por dentro. A metamorfose de Macunaíma em branco (por fora) ilustra a caricatura do projeto colonizador, em que o trânsito vadio do herói, nos espaços lingüísticos e culturais do indígena e do branco, traz a marca de sua contradição.

Seguindo esse raciocínio, pode-se constatar que tanto Macunaíma quanto os irmãos invertem a proposta nacionalista e estreita que ainda é defendida por estudiosos da obra de Mário. A noção de mestiçagem é muitas vezes entendida enquanto conjunção harmoniosa das três raças, onde a presença da herança européia é esquecida, sendo ela um dos componentes básicos dessa miscigenação. Impossível ignorar que a presença dos olhos azuis de Macunaíma, longe de ser um traço meramente estrangeiro, exige uma visão menos míope da condição de um herói sem nenhum caráter.

O silêncio é de ouro

"Yo oro ni plata no te lo puedo dar, mas avisos para vivir, muchos te mostraré."

Lazarillo de Tormes

Macunaíma, no final do capítulo *A Velha Ceiuá*, consegue se safar dos embaraços em que se encontrava, pela ajuda do pássaro tuiuiu que o transporta de volta para casa. Ao agradecer

O Eixo e a Roda, Belo Horizonte, (4): p. 42 - 52, 1985.

cer ao ajudante pela boa ação, o herói se descarta do pagamento real, substituindo-o por uma locução proverbial, *um conselho que vale ouro*:

"— Olhe primo pagar não posso não mas vou te dar um conselho que vale ouro. Neste mundo tem três barras que são a perdição dos homens: barra de rio, barra de ouro e barra de saia, não caia!" (p. 100)

O provérbio-conselho assume o estatuto de um meta-provérbio, remetendo-se para si próprio e para o enunciado de toda passagem. O *conselho que vale ouro* é o instrumento de troca em que o valor do termo *ouro* é reforçado e invertido no corpo do enunciado. Este termo, funcionando como elemento de ligação entre o conselho e o provérbio sofrerá, contudo, uma inversão: o conselho vale ouro mas é preciso desconfiar das armadilhas trazidas pela atração das riquezas. Ao deslocar o pagamento da dívida *real* pela verbal, o discurso de Macunaíma provoca o deslizamento do sentido próprio para o figurado; a palavra, por sua vez, participa deste comércio, ocupando o lugar da moeda *real*.

A economia lingüística presente na fórmula proverbial e a intenção da personagem em fazer economia são, contudo, imediatamente esquecidas, uma vez que Macunaíma se revela sempre comandado pelo discurso que profere. O conselho proverbial, forma sintética e econômica, utilizado, inicialmente, como argumento para iludir o destinatário, perde sua eficácia, se considerarmos a incoerência entre as ações e as falas do emissor da mensagem. Macunaíma repete, de forma inconseqüente, frases-feitas que lhe são fornecidas pelo imaginário lingüístico, criando-se um abismo entre o dito e o feito: "*Porém estava tão acostumado a gastar que esqueceu-se da economia. Deu dez contos pro tuiuiu, subiu satisfeito pro quarto e contou tudo pros manos.*" (p. 100, grifos meus).

Esquecer-se da economia e contar tudo pros manos reúne, de maneira exemplar, o jogo irônico entre a necessidade de fazer economia (real) e a incapacidade de ser econômico nas frases, como antes conseguiu no diálogo com o pássaro. Mas a li-

ção de economia, enquanto mero artifício retórico, seguido do esquecimento em fazer economia *real*, o faz contar tudo para os manos, recaindo assim numa artimanha eloqüente a fim de se sair bem da situação.

O emprego de procedimentos retóricos de persuasão através de provérbios ou máximas está presente em grande parte de textos que trabalham a linguagem como forma de mascarar as ações. A título de exemplo, relacionamos duas passagens que mantêm um vínculo de comparação com o fragmento analisado em *Macunaíma*: a sentença proferida pelo cego no romance picaresco *La vida de Lazarillo de Tormes*⁸, citada em epígrafe, e o diálogo entre Panurge e Pantagrue, contido no capítulo 56 do *Le Quart Livre* de Rabelais.⁹

O cego, um dos mestres de Lazarillo, lhe dá um conselho, fórmula fixa que se aproxima do sentido da advertência dada ao pássaro por Macunaíma. O conselho reproduz, embora de maneira parodística, a sentença moralizante presente na *Escritura - Argentum et aurum non est nihil* - conforme nota explicativa do tradutor francês incluída na edição bilingüe de *Lazarillo de Tormes*.¹⁰ Tratando-se de um texto que se caracteriza, no âmbito da linguagem, pela inversão da fala oficial, o tom dos diálogos contém a marca do jogo enganoso das sentenças retiradas do código *sagrado*. A apropriação invertida e jocosa da sentença bíblica produz o efeito parodístico do fragmento. O embuste e as trapaças de linguagem são o suporte para se esquivar o pagamento *real* do cego ao seu guia. As palavras, moedas que substituem o ouro e a prata, concorrem para a circulação vicária dos signos, já que os conselhos valem ouro e as palavras têm seu peso e medida.

A sentença do cego encontra-se ainda presente no texto de Rabelais, embora apareça de forma invertida; o termo *ouro* atua como elo de ligação entre os dois exemplos mencionados - *Macunaíma* e *Lazarillo de Tormes* - , criando-se assim a possibilidade de relacioná-los intertextualmente. Acrescenta-se ainda o fato da relação permitir desvendar o sentido ideológico do conselho que vale ouro.

Pantagrue, dialogando com Panurge, deixa transparecer o jogo instaurado entre os termos *ouro* e *silêncio*, quando Pan-

tagruel denuncia o caráter persuasivo da fala dos advogados, aqueles que *vendem as palavras*. O diálogo é parte do episódio da transformação de palavras congeladas em palavras descongeladas às quais, caindo na palma da mão das personagens, permite a reconstituição de uma batalha antiga, iniciada no começo do último inverno. Os sons petrificados tornam-se vivos e animados, propiciando a contemplação de acontecimentos passados, sons de vozes diversas, gritos e sinais de guerra.

Panurge, solicitando a Pantagrue que lhe dê mais palavras, este lhe fornece como resposta uma lição de moral discorrendo sobre as diferentes formas de discurso. Cria-se o jogo entre os verbos *dar* e *vender* e entre os termos *ouro* e *silêncio*:

"Panurge demanda à Pantagrue de lui en donner encore. Pantagrue lui répondit que donner sa parole était propre aux amoureux.

— Vendez - m'en donc, disait Panurge.

— Vendre des paroles, c'est ce que font les avocats, répondit Pantagrue. Je vous vendrais plutôt du silence et plus cher, comme on vendit un jour Démosthène contre son angine d'argent."¹¹

Percebe-se que nesse trecho um texto se articula dialogicamente com outros, participando do jogo intertextual os adágios de Erasmo e a frase-feita, *o silêncio é de ouro*. Segundo nota de Guy Demerson, contida no *Le Quart Livre*, "dar sua palavra, como os amantes, é enganar, expressão que Rabelais toma de empréstimo do adágio de Erasmo".¹² A lição de Pantagrue vai sendo fornecida a partir da oposição entre os dois verbos, *dar/vender*, ou seja, a gratuidade enganosa da palavra contra seu valor de troca. O intercâmbio irônico entre os dois verbos se opera sob o signo da troca, pela presença indireta da fórmula, *o silêncio é de ouro*: a ausência de palavras vale mais do que seu emprego excessivo. Pantagrue, recusando-se a vender as palavras, prática exercida pelos advogados, ou a dar as palavras, própria dos amantes, prefere vender o silêncio, atribuindo-lhe um valor maior, pois *o silêncio vale ouro*.

Em *Macunaíma*, a personagem inverte essa proposição: ao mesmo tempo que dá, gratuitamente, um conselho que vale ouro,

substitui a dívida real pela palavra. Seu conselho consiste na ampliação da sentença proferida pelo cego de *Lazarillo de Tormes*. Portanto, os dois emissores são portadores de um discurso que se assemelha ao dos advogados, ao venderem palavras e reforçarem, dessa maneira, o caráter enganoso e falso da linguagem.

Se em Rabelais as fórmulas que foram tomadas de empréstimo de outros discursos são relidas parodisticamente, desvelando-se sua função persuasiva, em *Macunaíma* e *Lazarillo de Tormes*, tem-se a constatação e o reforço de artifícios de embuste. A inserção do fragmento rabelaisiano nesta breve análise dos provérbios em *Macunaíma* se reveste de importância, pela produção de um diálogo intertextual, em que se verificam as diferenças entre os textos. No fragmento presente em *Macunaíma*, embora não apareça o comentário sobre a função do provérbio, seu questionamento se instala no interior do enunciado e na seqüência das ações do herói.

Em síntese, trata-se de um diálogo entre a voz da personagem e o ponto de vista do narrador, evidenciando-se, portanto, o comércio das palavras, a estratégia discursiva e o caráter frágil e enganoso da fala de *Macunaíma*, o mestre em provérbios e frases-feitas.

NOTAS

1. ANDRADE, Mário. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Ed. crítica de Telê P.A. Lopez. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, S.Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978. As indicações das páginas feitas neste ensaio referem-se a essa edição.
2. ZUMTHOR, Paul. *Le masque et la lumière*. Paris, Seuil, 1978.
3. Idem, *ibidem*. p. 155.
4. Idem, *ibidem*. p. 160 (Tradução da autora).
5. Idem, *ibidem*. p. 154 (Tradução da autora).
6. Idem, *ibidem*. p. 153 (Tradução da autora).

7. Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Dicionário Brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. Rio de Janeiro, Editora Documentário, 1974. p. 42.
8. *La vie de Lazarillo de Tormès* (*La vida de Lazarillo de Tormes*). Tradução de A. Morel-Fatio. Paris, Aubiër - Flammarion, 1968.
9. RABELAIS, François. *Le Quart Livre*. In: —. *Ouvres complètes*. Ed. anotada e prefaciada por Guy Demerson. Paris, Seuil, 1973. p. 732.
10. *La vida de Lazarillo de Tormes*, 1968, cap. I. p. 87. Cf. nota 11 do livro: "*Encore une application profane de l'Écriture: Argentum et aurum non est nihi (Act. Apost. III-6)*". p. 176.
11. RABELAIS, op. cit. cap. 56, p. 732.
12. Idem, p. 56.